

Paulo Lameiro

“O trabalho com o idoso ajuda-nos a compreender o essencial da vida toda”

Diretor artístico da Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP) e da Musicalmente, Paulo Lameiro coordena projetos de arte com reclusos, doentes mentais, idosos e bebés a partir da sua “base”: os Pousos

Alexandra Pedruco Lacerda
Francisco Rebelo dos Santos

O Paulo é um homem que está ligado a múltiplas atividades. É como se assumisse uma orquestra de muitos desafios. Em termos concretos, quais são esses desafios?

Eu acho que o primeiro grande desafio de todo nós, e ao qual eu procuro cada vez mais dedicar um pouco mais de cuidados, é o de tentar descobrir qual é o nosso lugar nesta história. Todos nós somos “poli” qualquer coisa. Mas o mais importante de tudo é o sentido do nosso lugar. E tudo o que eu faço nasce um pouco deste sentido. Vou dar um exemplo concreto. Aquilo que é a minha função principal, o meu posto de trabalho, é numa instituição que é uma escola. Basicamente sou o diretor artístico de uma instituição, a Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP). Aquilo que eu faço é pensar o que é que para uma comunidade em concreto é mais necessário do ponto de vista da cultura geral e da música em particular. Escolho caminhos artísticos: quais são os repertórios, os professores, as áreas. Há uma ideia que tenho trabalhado bastante: o paradigma da orquestra e da música clássica.

Como assim?

A música clássica, nos últimos 100 anos, fechou-se nela própria. Em muitos paradigmas. Para já, o paradigma da torre de cristal: só acede a ela quem tem q.b. de informação e formação. E a música transformou-se um

pouco em objeto intramuros, de palcos, de salas, de produtores especializados, os conservatórios são eles próprios instituições muito fechadas e a música deixou de fazer parte do nosso dia a dia. Há muitos anos eu vim de Lisboa para o Orfeão de Leiria de uma direção pedagógica para outra e com uma função muito específica: formar músicos para orquestra. E dou-me conta que não se transforma o mundo nem se transformam as pessoas a tocar o que quer que seja. A música é muito importante porque nos distingue enquanto pessoas. E, portanto, é mais estruturante para as nossas vidas quando tem a ver com o nosso quotidiano e princípios gerais. E por isso alarguei essas funções de direção pedagógica para todos os projetos onde a música é mais transformadora.

Mas a direção artística também tem muito de direção pedagógica...

Tem muito de direção pedagógica, mas não há tanta intencionalidade. E essa é uma grande diferença da arte. Por exemplo, é muito mais importante a arte contemporânea do que a arte clássica porque a primeira é muito mais aberta, interroga-nos mais. Na arte, a direção pedagógica e educativa é a menos importante. Eu sou contra os serviços educativos dos museus e do que quer que seja. Porque o serviço educativo parte de um pressuposto de que a arte tem que ser ensinada. Ora, o que se ensina são técnicas e mecanismos objetivos. É muito

mau quando eu vou a um museu e sou recebido pelo serviço educativo. Tratam-nos de uma forma diferente. Nós não temos um défice de nada por não sabermos alguma coisa. Nestas tarefas de direção artística - seja numa escola ou numa instituição - não devemos focar-nos nas funções específicas. Eu não tenho que ler ‘x’ livros ou assistir a ‘x’ concertos. Eu tenho é que ter uma relação mais aberta, mais disponível, com o que está à minha volta. Esta é a minha primeira tarefa. Depois tenho alguns projetos que extravasam um bocadinho da arte para o social. Da arte para o Homem...

Que outros projetos são esses?

A maior parte das pessoas conhece-me, por exemplo internacionalmente, de uma forma que não tem nada que ver com a direção artística da SAMP. Associam-me a um projeto, destes que nascem de muitos outros, que se chama Concertos para Bebés. E é precisamente este projeto que foi creditado no mercado internacional porque foi a primeira vez que um projeto artístico se apresenta nas temporadas e nas salas principais não como alguma coisa para ensinar bebés e pais a fruirmos a alta cultura, mas que se apresenta como um projeto que trata o bebé enquanto ser integral e total. E isto mudou um paradigma. Se algum contributo eu tenho dado neste panorama das artes e da música é este: um projeto artístico para crianças não tem de ser um projeto educativo. Não há qualquer ideia pedagógica nos Concertos para Bebés.

Se quiséssemos hierarquizar as diversas atividades que o Paulo desenvolve começávamos pela direção artística da SAMP e seguíamos para qual?

A direção artística da Musical-



Eu sou contra os serviços educativos dos museus e do que quer que seja. Porque o serviço educativo parte de um pressuposto de que a arte tem que ser ensinada. Ora, o que se ensina são técnicas e mecanismos objetivos. (...) Eu não tenho que ler ‘x’ livros ou assistir a ‘x’ concertos. Tenho é que ter uma relação mais aberta com o que está à minha volta”

mente e a administração e gestão da mesma. São os meus três, digamos que, poisos formais, onde eu tenho uma agenda semanal a cumprir. Eu sei que tenho que ter ‘x’ horas para isto, ‘x’ horas para a secretária de produção e ‘x’ horas para a administração. Há uma coisa que nos falta a todos nós, e vocês no jornalismo também têm este problema: nas nossas agendas há pouco tempo para programar. E vai-nos sendo dado pouco tempo para pensar sobre o que fazemos. E eu confesso que nos últimos anos da minha vida tenho procurado guardar na minha agenda diária um número de horas, e às vezes até um dia por semana, para pensar. E é só para pensar. Coligir os sensores, que são a realidade dos jornais, das televisões, dos nossos pares, mas também a realidade menos material.

Que realidade é essa?

É aquela que existe à nossa volta e que nós muitas vezes não temos condições para observar. Ela é decisiva mesmo para as melhores decisões empresariais. E também para as boas soluções sociais e políticas. Podermos deixar espaço em nós para, por exemplo, brincar com a vida. Ter uma relação de maior intimidade com a vida. E este



brincar com a vida passa por brincar com a terra. Eu deixei Lisboa porque não tinha tempo para brincar com a terra. Não tinha tempo para brincar com as sementes, com as batatas ou para assistir aos ciclos da geada. E este contacto com a terra, sermos próximos de outros ciclos que não só os laborais ou políticos, que nos vinculam e que nos dominam completamente, que não nos deixam muitas das vezes aceder aquilo que nos transforma a nós e que transforma os outros. E deixar esse tempo é tão importante como o que dedicamos ao despacho de e-mails, contratação ou aos contactos internacionais.

Esses contactos internacionais têm sido cada vez mais constantes. Mas o Paulo continuar a fazer dos Pousos a sua base. Nada é comparável ao prazer de viver na sua freguesia?

Eu já tive alguns convites profissionais muito desafiantes, quer financeiramente quer artisticamente, fora do país. E a resposta que eu encontro dentro de mim para ficar nos Pousos tem muito a ver com três ideias de base. A primeira tem a ver com o vínculo que todos nós temos ao território. Por exemplo, na nossa cultura o estar à mesa é funda-

mental. A mesa é estruturante. Os Pousos permite-me estar em contacto com o meu território. Com os pinheiros, as encostas, a Ribeira do Sirol, a Torre da Igreja. Depois, uma outra ideia que me leva a estar nos Pousos, e nem sequer a estar em Leiria, reparem, que tem a ver com o facto de vivermos num tempo civilizacional onde ganha mais quem tem mais empregados, mais empresas... E perdemos a micro relação. Nos Pousos conheço toda as pessoas com quem me cruzo. É muito diferente dar aulas a alunos conhecendo os pais e os avós desses alunos do que dar aulas a pessoas que são anónimas. A terceira razão chama-se SAMP. Trabalho numa casa que tem uma fotografia, logo à entrada, do meu bisavô. A SAMP, e os Pousos, oferecem-me um ar e um relógio temporal que me deixa tranquilo. Eu acredito que nós construímos uma sociedade mais eficaz quando as comunidades que habitamos têm ainda alguns laços de afinidade.

E nessa dinâmica intergeracional, os maiores desafios são o trabalho com bebés ou idosos?

A bom da verdade, o maior desafio é trabalhar com os políticos e com a sociedade. Eu comecei fas-

cinado com os bebés, confesso. O bebé dá-nos os mecanismos de sobrevivência. O idoso, e o estado terminal, dá-nos o sentido da vida. O trabalho com o idoso ajuda-nos a compreender o essencial da vida toda. Por isso é que o nosso primeiro projeto se chama "Auditório 1" e o último "Aqui Contigo". Entre este universo passamos pela prisão, pelo hospital, lares e centros de cuidados paliativos. Talvez a maior diferença entre trabalhar com bebés e idosos seja a noção muito distinta, e complementar, do tempo.

É uma pessoa diferente desde que se apercebeu dessa noção do tempo?

É incontornável. A grande mudança na minha vida profissional tem a ver com um outro olhar sobre a vida e a morte. Eu sou uma pessoa muito diferente. Hoje faço questão de almoçar mais vezes com os meus pais, de passarmos férias juntos, de os tirar de casa. Todos nós nos transformamos radicalmente sempre que vivemos de perto o nascimento ou a morte. Se isso acontece pontualmente na nossa vida, quando nasce um filho ou morre um pai, imaginem o que é trabalhar diariamente com a morte e com a vida. É um outro olhar sobre nós próprios e sobre as nossas prioridades.

“

Todos nós nos transformamos radicalmente sempre que vivemos de perto o nascimento ou a morte. Se isso acontece pontualmente na nossa vida, quando nasce um filho ou morre um pai, imaginem o que é trabalhar diariamente com a morte e com a vida. É um outro olhar sobre nós próprios e sobre as nossas prioridades”

“2018 será decisivo para a candidatura de Leiria”

2017 pode ser um ano decisivo para a candidatura de Leiria a Capital Europeia da Cultura?
2017 ainda não será o ano decisivo. Há aqui um factor muito importante: o poder político, que tem, principalmente na fase inicial do projeto, um papel decisivo. Há muitas decisões e passos que só se podem dar com alguma estabilidade no poder. E este ano é um ano de instabilidade. 2017 não será seguramente decisivo. Agora 2018 será o ano decisivo para mim. Onde teremos estabilidade e onde haverá uma equipa legitimada para algum tempo. Quero acreditar que 2018 vai ser o ano!

Quais são as prioridades?

Eu entrei para este grupo de missão nunca por ambicionar ser Capital Europeia da Cultura em 2027. Eu aprendi a respeitar os interesses e motivações diferenciadas mas a mim, a motivação que me apaixona, é a cultura. O projeto Capital Europeia da Cultura não tem a ver com este marco ou feito que se pensa que ficará nos Anais ou na história da região. Isto é um bluff, não é verdade. O que importa é se a ideia de ter um ano para celebrar a dimensão cultural de uma cidade e de uma região é suficientemente mobilizadora.

E essa mobilização das pessoas, ou a falta dela, como é que pode ser trabalhada?

Não vai ser com os agentes culturais, nem políticos ou económicos, que se chega a esse nível. Eu não acredito. Porque os agentes culturais, nas estruturas associativas que têm, não funcionam. Não conseguem funcionar. Existe uma acentuada falta de escala, antes de mais. Acredito que só podemos chegar à mobilização através das escolas. Não pensando só no ensino superior, mas começando desde o pré-escolar. Nós temos de envolver as crianças que mobilizam os pais. Dou um exemplo: a consciência ecológica. A nossa geração foi mudada pelos nossos filhos. Os nossos filhos obrigaram-nos a reciclar, a transformar os nossos hábitos. Ora, eu acredito que um pai quando vai aos Concertos para Bebés, ele próprio vai muitas vezes pela primeira vez a um concerto de música clássica. O pai vai motivado pelo bebé. E é obrigado a pensar. Não é fácil mobilizar as escolas mas pode ser feito com um trabalho sistémico e com a criança ainda pequenina. O processo é importante, mas importam mais ainda as transformações capazes de perdurar.

Paulo Lameiro



Começou os estudos na Filarmónica da sua aldeia natal, Pousos, Leiria. Mais tarde concluiu o Curso Superior de Canto do Conservatório Nacional como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e licenciou-se em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa. Tem uma pós-graduação em Etnomusicologia também na UNL. Foi o mais novo vice-presidente da Escola de Música do Conservatório Nacional, tendo sido fundador da Escola de Artes SAMP e diretor pedagógico da Escola de Música do Orfeão de Leiria. É autor de vários projetos de formação e produção musical para recém-nascidos, destacando-se “Berço”, “Músicos de Fraldas” e “Concertos para Bebés”

Foto: Sérgio Claro